



Armando Côrtes-Rodrigues

Vida e Obra do Poeta Açoriano de Orpheu

É uma tese de doutoramento. Da Professora e Investigadora Anabela Almeida. Sobre Côrtes-Rodrigues. Em se tratando do mais ilustre filho de Vila Franca, no campo da Literatura, no século XX, apostou a Câmara Municipal da Velha Capital na sua publicação numa magnífica edição com chancela "Editorial Ilha Nova" que foi apresentada em memorável sessão cultural, na mesma Vila, no passado dia 22 de Março.

Chegou-me com um abraço do seu Presidente, Ricardo Rodrigues, e tem sido minha leitura frequente, aguçada que me foi a curiosidade pelo notável texto de apresentação de outro grande vila-franquense de *alma e coração*, Carlos Melo Bento, que aqui, nestas páginas do *Atlântico Expresso*, ficou arquivado, ao longo de algumas edições.

Não tenho a honra de conhecer a sua autora, Professora e Investigadora Anabela Almeida, mas sinto que devo deixar aqui expressa a minha gratidão pela oportunidade que me deu de tanto aprender sobre alguém que conheci, com quem falei e de quem guardo uma admiração respeitosa que só é possível quando a herança deixada ultrapassa em muito a dimensão da própria pessoa, como aconteceu com o poeta de *Orpheu*. Considero Anabela Almeida como "minha" Professora, pois nunca aprendi tanto e nunca li tão profundo e abrangente trabalho sobre Côrtes-Rodrigues.

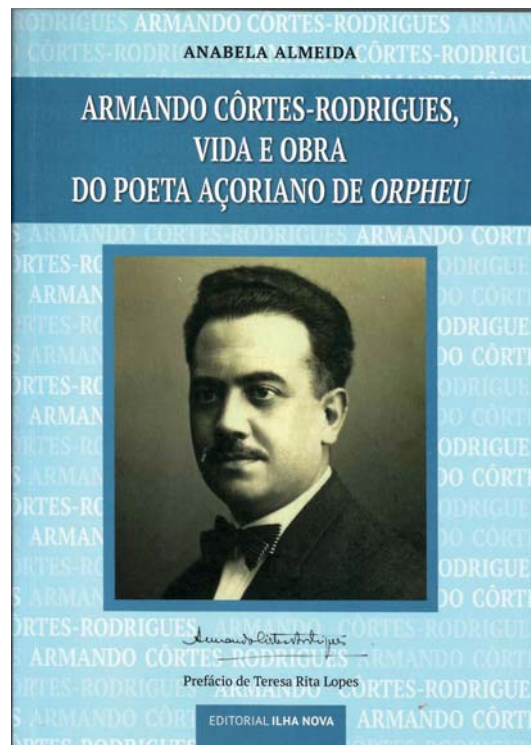
Podemos pensar-se que uma Tese de Doutoramento seja um documento de difícil leitura, pelo academismo e pela sistematização sempre necessária em obras do género. Nesta, e, claro, com tudo isto subjacente, vemos-nos perante um trabalho como que "humanizante" sobre a personalidade de Armando Côrtes-Rodrigues, com perfeitas descrições de tempos e ambientes, circunstâncias e momentos que moldaram a personalidade do poeta e o seu relacionamento, essencialmente com Fernando Pessoa, o grande e sempre enigmático Fernando Pessoa, filho de mãe terceirense, cuja alma tão profunda e bela-me conheceu o poeta do *Cântico das Fontes*.

O livro divide-se em três partes, a primeira das quais integra a vida de Côrtes-Rodrigues, desde o seu nascimento, infância, estudos e o nascimento do poeta e do dramaturgo, passando pelo Tempo de Orpheu, pelo reencontro com a Ilha, pelo Teatro, fascinando-nos com aquilo que foi a *visita dos intelectuais* e deixando-nos extasiados com a magnífica interpretação do *Cântico das Fontes*, a *exaltação religiosa* e *um sonho resignado*.

Na segunda parte do livro, encontramos trinta preciosas páginas de cronologia da vida do poeta, um verdadeiro roteiro-súmula das principais datas marcantes que nos dão uma imagem sumária, mas muito abrangente dos diversos momentos vividos e ali perpetuados.

E, para consulta, há ainda a registar um enorme acervo de bibliografia que permite termos a ideia do quanto trabalho de investigação foi necessário para podermos beber tantos e tão grandes ensinamentos.

Para além de tudo isto, e como vila-franquense que sou, nascido ali naquele cantinho chamado Ribeira das Tainhas, será fácil imaginar o carinho que senti ao ir len-



do e saboreando, como que em filme, a Vila do final do Século XIX e início do século XX, o nome das ruas, dos seus padres, das suas figuras típicas, dos seus presépios e das suas cerimónias religiosas que tanto marcaram o autor daquele imortal *Em Louvor da Humildade*.

E, por isso mesmo, razão tem a prefaciadora da obra, Teresa Rita Lopes, quando escreve que *este livro de Anabela Almeida, além de dar a conhecer, com uma amplitude nunca até hoje conseguida, a obra e vida do poeta açoriano, coloca-o no seu devido lugar no movimento modernista de que Pessoa é figura de proa, mas sem o secundarizar, como tem acontecido*.

Sem o secundarizar. Esta ideia está presente em toda a tese contida no livro e levou-me a pensar no quanto ainda é preciso fazer, nos Açores, para dar a conhecer e recolocar no seu devido lugar, a grandeza de Côrtes-Rodrigues. Cá dentro. Nos Açores. Justiça foi feita há pouco tempo, em Vila Franca do Campo, com a atribuição do seu nome à Escola Secundária da Velha capital. Aproximando-se 2021, ano em que se comemoram os 130 anos do nascimento do autor do *Quando o Mar galgou a Terra*, fica o desafio à Região e à Câmara de Vila Franca para, em conjunto com a Escola de que é

patrono, organizarem um conjunto de acções culturais e populares que "ressuscitem" na memória colectiva o nome de tão grande figura da nossa terra a quem ainda não foi feita justiça de perpetuação em bronze na nossa estatutária.

Tudo isto me foi surgindo ao ler este *Vida e Obra do Poeta Açoriano de Orpheu* onde se entrelaçam outros nomes grandes da nossa Literatura, nos seus movimentos e nas suas tendências, nas primeiras décadas do século passado.

Ou seja, aqui, nesta obra há um cunho da universalidade que se firma no regionalismo, por exemplo, na recolha e publicação do *Cancioneiro Geral dos Açores*.

E, muito bem o diz Carlos Melo Bento, o apresentador da obra: "Este livro estuda magistralmente a busca da "açorianidade" que se tornou ardente militância para Côrtes-Rodrigues – afinal trilhava um plano paralelo ao de Pessoa que queria "comungar a alma do povo" com os seus "Cantares" - que no final da vida se manifestaram num florilégio de quadras... Mas o poeta açoriano foi mais longe, passando da poesia para a acção directa..., tentando mesmo criar um movimento actuante, contra-

riando com todo o acerto a opinião dos que pensam que este pendor de Côrtes-Rodrigues o afasta do estatuto de poeta do *Orpheu*.

Anabela Almeida faz notar que, no regresso à sua ilha natal, passada a euforia de *Orpheu*, os ímpetus modernistas não arrefeceram em Côrtes-Rodrigues. E estabelece um fecundo paralelismo entre esse ressurgir do Modernismo aliado à busca de uma identidade açoriana, nos anos 40, com dois outros movimentos de igual alcance, cada um deles em busca da sua própria identidade, em Cabo-Verde e no Brasil".

Nunca li nada tão completo e, para mim, tão acessível, sobre Armando Côrtes-Rodrigues. E, por isso mesmo, faço questão de aqui nestas *Leituras do Atlântico* deixar o meu testemunho de apreço e gratidão à sua autora, Professora Anabela Almeida! E ao Presidente da Edilidade vila-franquense, Ricardo Rodrigues, deixo um abraço grato pela oportunidade que me deu de poder ler este livro, com um desafio: que em 2021, os 130 anos de Côrtes-Rodrigues sejam assinalados em festa e cultura pela nossa Vila.